

DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EMPÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Viviane Alves dos Santos Bezerra; Danielle Gonçalves Cabral; Camilla Marques da Silva; Lilian K. de S. Galvão (orientadora)

Universidade Federal de Campina Grande, virivialves@hotmail.com

Resumo

As habilidades sociais empáticas podem ser caracterizadas pela expressão afetiva de compreensão e compartilhamento com a experiência positiva ou negativa do outro. É ciente da importância do desenvolvimento de habilidades sociais, como a empatia, que alunas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), dedicaram-se a promoção do desenvolvimento dessas habilidades junto a crianças pré-escolares, durante a vigência do Estágio Básico I, que teve como objetivo geral a Educação socioemocional. Foram trabalhadas, por meio de intervenções em grupo, 7 habilidades sociais, a saber: autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizades, solução de problemas interpessoais e habilidades sociais acadêmicas. Diante do volume de dados coletados, apenas serão apresentados os resultados oriundos das intervenções que se focaram nas habilidades sociais empáticas. Participaram das intervenções 15 crianças, na faixa etária de 4 anos de idade, alunos/as de uma unidade pública de educação infantil da cidade de Campina Grande – PB. Os encontros, realizados com base no método-vivencial, duraram em média 30 minutos (cada) e foram facilitados por 4 pessoas, sendo uma mediadora e três auxiliares. As duas intervenções com foco nas habilidades sociais empáticas buscaram, respectivamente, trabalhar o ato de compartilhar pelo viés da consideração empática, e o ato de presentear, com o foco na tomada de perspectiva do outro. Para tanto, foi realizado no primeiro encontro uma vivência de compartilhamento de brinquedos, inspirado no Episódio da animação Daniel Tigre, intitulado “Daniel compartilha seu carro fantástigre”; e no segundo, a construção da “caixa de empatia”, produzida pelas próprias crianças para ser presenteadas aos pares. De um modo geral, podemos afirmar que as atividades desenvolvidas foram exitosas, pois possibilitaram momentos de construção da autonomia e o desenvolvimento da habilidade empática.

Palavras-chave: habilidades sociais, empatia, crianças, pré-escola, educação socioemocional.

Introdução

“Começa-se uma construção pelo alicerce. Toda construção precisa de uma base sólida que a sustente. Depois dela é que vêm as paredes e, sobre elas, o acabamento como pintura, azulejos, etc. Tudo sustentado pelo alicerce”.

(João Roberto de Araújo, 2009)

A epígrafe que dá início a este texto tem por objetivo chamar a atenção do leitor para a temática que aqui há de ser elucidada: a importância das habilidades sociais como um alicerce para um desenvolvimento saudável e integral.

O desenvolvimento de habilidades e competências sociais é, conforme aponta Bisquerra (2003), um dos objetivos da educação emocional. Esta, por sua vez, se constitui como uma

inovação educativa que tenta responder ao déficit de se trabalhar as necessidades sociais, que geralmente não são contempladas na grade curricular comum.

As habilidades sociais se configuram como sendo “diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001, p. 31). Tais habilidades, que vão transformando-se e adaptando-se de acordo com as necessidades do indivíduo, não podem ser confundidas com a “boa educação” ou o cumprimento de ritos de convivência social, sendo antes um campo de conhecimento e aplicação (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013). Zilda e Almir Del Prette, autores pioneiros no estudo das habilidades sociais e na criação de programas de Treinamento de Habilidades Sociais (THS), apontam que existe um conjunto de habilidades relevantes para todo e qualquer indivíduo, a saber: habilidades de comunicação, habilidades de civilidade, habilidades empáticas, habilidades assertivas, habilidades sociais profissionais e habilidades sociais educativas. Estas podem ser organizadas em classes ou subclasses de menor ou maior abrangência (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006).

No que se refere, pontualmente, à promoção de habilidades sociais na infância, os autores supracitados apontam que são poucas as pesquisas na área, propondo um sistema de sete classes de habilidades entendidas como essenciais para o desenvolvimento interpessoal de crianças, sendo estas: autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizades, solução de problemas interpessoais e habilidades sociais acadêmicas.

A promoção de habilidades sociais é um tema que tem ganhado relevância entre psicólogos, educadores, psiquiatras, e outros profissionais, inclusive das ciências exatas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006, 2013), sobretudo por estas apresentarem inúmeros benefícios para a vida dos sujeitos. Estudos apontam que um repertório elaborado de habilidades sociais contribui para: 1) relações harmoniosas com colegas e adultos na infância (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013); 2) melhor qualidade de vida, realização pessoal e profissional (SALVO; MAZZAROTTO; LÖHR, 2005); e 3) melhora nos níveis de competência social (MELO, 1999), – entre outros benefícios que podem ser consultados na vasta literatura sobre o tema.

Um ponto importante que cabe ser destacado, diz respeito ao papel da escola no desenvolvimento das habilidades sociais das crianças. A escola não só pode, como deve, desempenhar um papel mais ativo na promoção das habilidades sociais, tendo em vista sua função social, além das evidências de uma relação existente entre a promoção destas e o melhor desempenho acadêmico (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013).

Partindo do exposto, o presente trabalho tem por objetivo apresentar um relato de experiência de estágio com foco na promoção de habilidades sociais empáticas junto a crianças pré-escolares.

As habilidades sociais empáticas podem ser caracterizadas “pela expressão afetiva de compreensão e compartilhamento com a experiência positiva ou negativa do interlocutor, ou seja, colocam em foco as necessidades do outro” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013, p. 150).

Por fim, cabe destacar que as atividades desenvolvidas no estágio não tiveram a finalidade de (re)produzir comportamentos de crianças "boazinhas", como aponta Nucci (2000), ou docilizar corpos, como propõe Foucault (1987). Ao contrário, buscaram contribuir para a formação de cidadãos autônomos, que (re)conheçam, vivenciem e expressem suas emoções e, a partir disso, tenham a possibilidade de conviver de forma pacífica com seus pares.

Metodologia

As propostas de intervenções que serão apresentadas na seção de Resultados e Discussão foram construídas e realizadas durante a vigência do Estágio Básico I do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-PB. As referidas propostas fizeram parte de um conjunto de 12 intervenções, realizadas uma vez por semana, que buscaram trabalhar cada uma das sete habilidades sociais essenciais para a infância, apontadas por Del Prette e Del Prette (2013). Em função do volume de dados, nesse texto somente serão apresentadas as intervenções com foco nas habilidades sociais empáticas (Quadro 1).

DIA	INTERVENÇÕES
1	<p>Tema: Habilidades sociais empáticas – Trabalhando o compartilhar</p> <p>Recursos utilizados: Episódio da animação Daniel Tigre, intitulado “Daniel compartilha seu carro Fantastigre” e brinquedos diversos.</p> <p>Técnicas aplicadas: Brincadeira livre.</p> <p>Objetivos: Propiciar o contato com o tema "empatia", por meio do ato de compartilhar, assim como aprimorar conjuntamente a capacidade de reconhecer os sentimentos do outro.</p>
2	<p>Tema: Habilidades sociais empáticas – Olha o que fiz para você</p> <p>Recursos utilizados: Caixas de MDF, adesivos; tintas guache, pincéis.</p> <p>Técnicas aplicadas: Construção da "caixinha da empatia".</p> <p>Objetivos: Construir coletivamente um momento onde ouvir o outro e conhecer as suas preferências, trabalhando as habilidades empáticas de observar, prestar atenção e de demonstrar interesse e preocupação pelo outro.</p>

Quadro 1: Intervenções – Temas, recursos e técnicas.
Fonte: elaboração própria.

As intervenções foram desenvolvidas com base no método-vivencial que tem como característica a promoção de atividades grupais que se estruturam de modo análogo ou simbólico a situações cotidianas, criando oportunidades para que os participantes tenham desempenhos específicos, permitindo que o facilitador avalie os comportamentos observados e utilize as contingências pertinentes para fortalecer e/ou ampliar o repertório de habilidades sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013). Os momentos vivenciados serão descritos na forma de relato de experiência.

Participaram das intervenções 15 crianças, na faixa etária de 4 anos de idade. O campo de estágio onde foram desenvolvidas as intervenções é uma unidade pública de educação infantil, que trabalha com crianças entre 3 e 5 anos de idade. Os encontros duraram em média 30 minutos (cada) e foram facilitados por 4 pessoas, sendo uma mediadora e três auxiliares. Os dados foram registrados em um Diário de Campo e analisados por meio de análise qualitativa de conteúdo.

Resultados e Discussão

Intervenção – 1: Trabalhando o compartilhar

Na primeira etapa, na fase de preparo do grupo, as crianças foram solicitadas a compartilhar quais os desenhos que mais gostam de assistir habitualmente, e mencionaram assistir os seguintes desenhos: Dora, a Aventureira, Frozen, Ben 10 e Peppa Pig. Também foi perguntado se elas já assistiram algum episódio do desenho animado “Daniel Tigre”, e várias crianças respondem que já conhecem o desenho.

Passando para a segunda etapa, as crianças foram convidadas a assistir o episódio intitulado “Daniel compartilha seu carro fantástigre”, que está disponível no *Disney Junior*, na TV Brasil, no *Netflix* e/ou no *Youtube*. O episódio escolhido narra o dia em que o personagem principal vivencia uma situação conflituosa ao ter que emprestar ao Príncipe Quarta-feira o seu carro *Fantástigre*. Para ajudar a resolver o dilema, Daniel conta a ajuda do seu pai, que irá intermediar o impasse utilizando a frase musicada “Empresto pra você, pois vai me devolver”. A intervenção em tela trata-se de uma adaptação da proposta intitulada “Empatia e o saber dividir”, de Galvão e Dutra (2016).

Durante a exibição do desenho, as crianças se mostraram bastante atentas e interagiram com a narrativa (como por exemplo, imitando os sons dos carros). Para Silva Júnior e Trevisol (2009), o desenho animado pode ser utilizado como uma oportuna ferramenta de reflexão, discussão e imitação, devido aos seus intensos estímulos visuais e auditivos. Sobre o Desenho Daniel Tigre, ele

foi escolhido por ter uma linguagem simples na abordagem de questões socioemocionais na infância, mostrando-se pertinente para auxiliar no desenvolvimento das habilidades empáticas.

Terminada a exibição do vídeo, foram realizadas perguntas para verificar a compreensão do episódio. Nesse momento, constatamos que o desenho colocou um ponto crucial em questão: empresto ou não meu brinquedo? A maioria das crianças responde que sim, e os que responderam negativamente, foram indagados o porquê de não emprestarem. Uma das respostas foi: “eu não empresto porque eu tenho os meus brinquedos e minha prima tem os dela”. Isto nos levou a refletir sobre as demarcações que estão postas para (e pelas) crianças do que seriam os ditos “brinquedos de menina” e “brinquedos de menino”. Apesar de tais construções sociais, que findam por atravessar as experiências cotidianas, observamos que isto (ainda) não é algo internalizado ao ponto de impedir que as crianças brincassem entre si, fazendo distinção dos brinquedos por gênero, como pôde ser observado na terceira etapa da intervenção.

Nesta etapa da atividade, as crianças foram convidadas a brincarem livremente com alguns dos seus brinquedos preferidos, que estavam expostos em número reduzidos, tendo em vista promover o exercício do compartilhar. Sobre os brinquedos, Vygotsky (1994, p. 67) afirma: “As maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade”. Nesse momento, observamos que um grupo de meninas pegou a caixa de ferramentas para dividir entre elas e um dos meninos pegou uma boneca e “fez comida” para ela. Já a maioria dos meninos brigou por uma bola e demoraram a compartilhar sem desavenças. Podemos também perceber que os grupos acabaram se dividindo por gênero ao se dividirem para brincar. Pensamos que isto pode estar relacionado ao que aponta Motta et al. (2006) de que as crianças tendem a agir de maneira mais empática com pessoas percebidas como semelhantes.

De acordo com Vygotsky (1994), na idade pré-escolar ainda estão contidas muitas características comportamentais do estágio precedente, que são imediatistas. Assim, o brinquedo, que já é dotado de regras comportamentais originadas na própria situação imaginária, aparece como um instrumento com o qual a criança pode projetar de forma ilusória um desejo que ainda não realizado. Nesse sentido, o brinquedo também é uma ferramenta de “descarga emocional” que apresenta uma força motivadora inerente, podendo indicar alguma necessidade da criança. O compartilhamento de brinquedos contribuiu com a percepção de sinais emocionais nas crianças, favorecendo o desenvolvimento da empatia e possibilitando condições de estreitamento do vínculo entre os pares.



Com relação à intervenção, de maneira geral, verificamos que as crianças entenderam como é importante compartilhar e também apreenderam como o colega pode estar se sentindo, pois mesmo sendo difícil, como foi para Daniel Tigre, compartilhar um brinquedo deixa o/a colega que recebe muito feliz.

Intervenção – 2: Olha o que fiz para você

Na primeira etapa do segundo dia de intervenção, foi realizada a rememoração do que havia sido vivenciado no encontro anterior, para que fosse possível a conexão com o dia em questão. Quando foram perguntadas as crianças sobre o que lembravam, algumas se reportaram a música que haviam aprendido e outras a partes do episódio. Ao serem questionados quem havia colocado em prática, durante a semana, o que aprenderam com o desenho, foi possível ouvir alguns relatos positivos: “eu emprestei meu patinete pro meu primo”, “eu emprestei um brinquedo” e “eu dei meu dinossauro pra minha prima”. Uma das crianças, coincidentemente ausente no encontro anterior, afirmou: “não dividi nada com ninguém”.

A percepção de que as crianças lembravam não só da música, como também da mensagem passada no desenho, tendo em vista que tentaram colocar em prática o que haviam aprendido, aponta para a potencialidade deste recurso no trabalho com o público infantil. O desenho animado, a partir de situações cotidianas, aborda temas que estimulam o processo ensino-aprendizagem, além de favorecer o desenvolvimento moral, tornando as atividades mais significativas e prazerosas (SILVA JÚNIOR; TREVISOL, 2009).

Na segunda etapa, com a divisão do grupo em subgrupos e destes em duplas – organizadas pelas facilitadoras – foi feita a distribuição das caixas em MDF (Figura 1) e explicada a proposta para da atividade que seria realizada: seriam confeccionadas, com uso de material de pintura, as “caixinhas da empatia”. Segundo a explicação, estas seriam feitas de uma criança para outra, a partir do que lhe fosse solicitado. A definição das cores e adesivos ficou a critério da criança que fosse receber a caixinha de presente. Todas estariam produzindo algo para passar adiante. As facilitadoras tinham como objetivo mediar os diálogos e possíveis conflitos, de modo que as crianças tivessem autonomia para desenvolver a atividade.



Figura 1: Recursos utilizados na intervenção “*Olha o que fiz para você*”.

Fonte: Fotografia nossa.

Neste dia, foi possível perceber que algumas crianças entenderam rapidamente a proposta e começaram a perguntar, umas para as outras, como sua dupla gostaria de ter a caixinha pintada: “você gosta dessa cor?”, “você quer um adesivo na caixinha?”. Outras entenderam, mas em alguns momentos precisavam ser lembradas sobre o objetivo da atividade, principalmente quando queriam pintar a caixinha do colega do modo que consideravam mais interessante. Contudo, quando convidadas a repensar a atitude, elas aceitavam com tranquilidade que a caixinha era para outra pessoa, ainda que fosse ela que estivesse pintando.

Segundo os estágios do desenvolvimento empático propostos por Hoffman (2003), a criança na idade de 4-5 anos, ainda estaria desenvolvendo a sua capacidade de *role-taking*, vivenciando apenas o que ele chamou de “angústia empática quase-egocêntrica”, onde a criança ainda não é capaz de conhecer os estados internos do outro, e procura oferecer soluções e ajudar o outro, com algo que diz respeito a ela própria. Este fato pode justificar a atitude das crianças de quererem pintar a caixinha do colega como gostariam que fosse – mesmo sabendo esta era para o outro.

A mediação das facilitadoras neste processo foi essencial para estimular nas crianças a capacidade de *role-taking*, intimamente ligada com o desenvolvimento dos estágios de empatia (GALVÃO, 2010). Algumas crianças tendiam a perguntar às mediadoras como deveriam pintar ou o que deveriam colocar nas caixinhas. Neste momento as mediadoras lembravam para qual colega estavam pintando, e que deveriam perguntar ao mesmo, sempre levando as crianças a (re)conhecerem o desejo do outro.

Quando em situações nas quais as crianças desejavam pintar ou enfeitar a caixa de uma forma que sua dupla não havia sugerido, a mediadora perguntava com suavidade: “Ah, o/a colega pediu para que você usasse isto ou esta cor?” Quase que imediatamente a criança se voltava para o/a colega e perguntava se ele/ela gostaria que pintasse/enfeitasse sua caixa de determinada forma. Quando lhe era dito que não, a mediadora sugeria que se a criança tivesse gostado daquela cor/enfeite, pedisse ao colega que o colocasse naquela que seria a sua caixinha.

Conforme as duplas foram terminando, as mediadoras foram retirando as caixinhas das mesas e colocando-as em um local separado para que pudessem secar. Enquanto uma das facilitadoras finalizava a atividade com as poucas crianças que ainda estavam pintando, outra ficou responsável por limpar as mesas, uma terceira por auxiliar a limpeza das mãos das crianças e a última por recolher todo o material utilizado.

Passado este momento, com tudo já organizado, agradecemos a atenção das crianças, dissemos estar muito felizes com a atividade realizada e informamos que levaríamos as caixinhas para que as tintas secassem e que, ao final do turno, entregaríamos para que elas presentearassem os/as coleguinhas.

A terceira e última etapa da atividade tinha por objetivo a entrega da “caixinha da empatia” para outra criança e o recebimento da mesma. Após a troca, havia sido planejada uma conversa final sobre a experiência vivenciada, com perguntas como “foi difícil ouvir o coleguinha para construir a caixinha?”; “como se sentiram ao receber uma caixinha de presente?”, dentre outras que se enquadrassem no desenrolar do diálogo. Contudo, não foi possível, naquele momento, realizarmos a terceira etapa como havia sido pensada metodologicamente, tendo em vista que a proximidade do horário do lanche e o término da atividade em tempos diferentes por parte das crianças, assim como a presença de vários brinquedos na sala (pois aquele era o “dia do brinquedo”), fizeram com que as crianças ficassem dispersas e agitadas, impedindo que se concentrassem para conversar sobre a atividade.

Mesmo diante do impasse com o horário, consideramos a atividade produtiva, tendo que vista que todas as crianças se mostraram implicadas durante todo o processo de construção da “caixinha da empatia”. É importante apontar, que para além das habilidades empáticas, na intervenção realizada, outras habilidades também foram trabalhadas, como a habilidade de comunicação, estimulada a todo instante, pois para conhecer o desejo do outro as crianças precisaram conversar entre si e ouvir o colega, além das habilidades de civilidade, onde as crianças

eram incentivadas a usar as “palavrinhas mágicas” (obrigada, com licença, por favor e desculpa) aprendidas em intervenções anteriores.

Ao final do turno, e conforme acordado com as crianças, fomos até a sala de aula e levamos todas as caixinhas produzidas para serem entregues (Figura 2). Chamamos uma criança por vez e, de maneira muito tranquila, todas identificaram sua produção e entregaram para os/as colegas a “caixinha da empatia”. Enquanto entregavam, alguns pais e/ou responsáveis começaram a chegar para pegar as crianças e estas saíram lhes contando o que haviam feito e mostrando o presente que tinham ganhado.



Figura 2: Caixinhas construídas pelas crianças do Grupo IV na intervenção “Olha o que fiz para você”.

Fonte: Fotografia nossa.

Foi gratificante testemunhar o relato de algumas crianças ao encontrarem seus responsáveis a respeito da atividade. “*Olha, pai. Eu ganhei de João e dei uma para ele também*” (nome fictício). Este momento serviu para entendermos que as práticas que propomos perpassaram a sala de aula daquelas crianças e os muros daquela escola.

Considerações Finais

A experiência vivenciada, e aqui relatada a partir de um recorte temático pontual, foi atravessada por algumas dificuldades. Estas são entendidas como sendo comuns se as enxergarmos, enquanto estagiárias de uma instituição consolidada há 30 anos, sob a ótica do desconhecido. Não saberíamos o que seria encontrado (do ponto de vista de resistências e/ou potencialidades), assim como as pessoas que nos receberiam não podiam supor o que levaríamos. Por isso, entendemos que não há como propor a realização de um trabalho de intervenção na “casa” alheia sem a construção de um diálogo sólido e respeitoso. Isto foi feito a cada (re)encontro – com as profissionais que nos



receberam e com as próprias crianças. Permitimos-nos retalhar uma colcha com as partes que nos eram oferecidas: em alguns momentos havia mais retalhos, em outros menos – num movimento real que é dado nas relações cotidianas de trabalho. Contudo, o trabalho pôde ser realizado de forma bastante fortuita.

Assim, considera-se exitoso todo o processo vivenciado, para além do que apresentamos no presente trabalho. Conseguimos propiciar espaços não de “criação” de empatia e/ou habilidades, mas de construção de possíveis repertórios que irão ultrapassar as experiências de troca que aconteceram durante o estágio. O desenvolvimento das atividades poderá auxiliar no processo de crescimento daquelas crianças, de modo que possam tornar-se pessoas mais autônomas e empáticas – reconhecedoras de si e do outro.

Referências

- BISQUERRA ALZINA, R. Educación emocional y competencias básicas para la vida. **Revista de Investigación Educativa**. v. 21, n. 1, p. 7-43, 2003. Disponível em: <<http://revistas.um.es/rie/article/view/99071>>. Acesso em: 20 maio 2017.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das relações interpessoais e habilidades sociais: Vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis. Vozes. 2001.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Habilidades sociais: Conceitos e campo teórico-prático**. 2006. Disponível em: <<http://www.rihs.ufscar.com>>. Acesso em: 20 Mai. 2017.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes. 2013.
- GALVÃO, L. K. S. **Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais**. 299 f. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/7012/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 20 Mar. 2017
- GALVÃO, L.; DUTRA, M. P. Empatia na Educação Infantil e o uso de desenho animado. In: Congresso Nacional de Educação. III. 2016. Natal. **Anais**. Out. 2016. p. 1-11.
- HOFFMAN, M. L. **Empathy and moral development: implications for caring and justice**. Cambridge, England. Cambridge University Press. 2003.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MELO, M. H. S. **Um atendimento psicológico preventivo numa clínica-escola de São Paulo**. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas – Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1999.

MOTTA, D. C. et. al. Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 523-532, set./dez. 2006.

NUCCI, L. Psicologia moral e educação: para além de crianças "boazinhas". **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 71-89, dec. 2000. ISSN 1678-4634. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27844>>. Acesso em: 20 maio 2017.

SALVO, C. G.; MAZZAROTTO, I. H. K.; L. S. S. Promoção de habilidades sociais em pré-escolares. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.** São Paulo, v. 15, n.1, p.46-55, Abr. 2005.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412822005000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 Mai. 2017.

SILVA JÚNIOR, A. G.; TREVISOL, M. T. C. Os desenhos animados como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da moralidade. Congresso Nacional de Educação. IX., e Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. III. 2009. **Anais**. Out. 2009. p. 5

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>>. Acesso em: 10 Jun. 2017.